

1º SEMINÁRIO SOBRE CARVÃO VEGETAL E O PEQUENO PRODUTOR

23 E 24 DE MAIO DE 1987 - MARABÁ-PA

RELATÓRIO DOS TRABALHOS

Os trabalhos do 1º Seminário sobre Carvão Vegetal e o Pequeno Produtor foram realizados dentro do seguinte esquema:

- 1º - Introdução geral feita pela Tec. Social Denise Pena, da SAGRI de São João do Araguaia, colocando os objetivos do Seminário, e fazendo colocações iniciais sobre os impactos da produção de carvão vegetal para as indústrias junto aos pequenos agricultores e o meio ambiente .
- 2º - Estudo em grupos do texto-base (em anexo)
- 3º - Levantamento de questões, a partir dos trabalhos em grupos Plenária Geral .

RESUMO DAS QUESTÕES LEVANTADAS NOS GRUPOS

A PARTIR DO ESTUDO DO TEXTO-BASE

- 1º - A produção de carvão vegetal para as Indústrias Siderúrgicas e Metalúrgicas será de grande escala e irá forçar o envolvimento dos pequenos agricultores. Frente a esta realidade foram levantados os seguintes questionamentos e opiniões :
 - Como os pequenos agricultores não tem apoio e enfrentam muitas dificuldades para trabalhar, se envolverem com a produção do carvão vegetal irão fatalmente abandonar a agricultura e no futuro, poderão se transformar em apenas carvoeiros dos grandes empresários .
 - Com o desmatamento acelerado a região poderá se transformar rapidamente em um deserto .
 - Os conflitos fundiários poderão se agravar entre posseiros e pretensos donos das áreas, em busca da madeira. Os posseiros entram em novas áreas em busca da lenha e os grandes proprietários implantando fornos e desmatando para tentar legitimar os grandes



áreas que pretendem, dificultar as desapropriações.

- Talvez seja possível tirar proveito da produção de carvão vegetal se os recursos (dinheiro) obtidos pelo pequeno agricultor forem aplicados na sua agricultura. Desta forma a produção de carvão vegetal não seria um fim, mas seria um meio de melhorar as condições de vida do pequeno agricultor.

O pequeno agricultor utilizaria a madeira que derrubou para preparar a roça, guardando as madeiras de lei para fazer construções no próprio lote para produzir o carvão só usaria madeira de pior qualidade.

- Ficou muito claro que o Governo não tem preocupação com a agricultura. Não está investindo no apoio ao pequeno produtor. Os órgãos Públicos não tem recursos para abertura de vicinais, nem para fomento, nem mesmo para manutenção de seus técnicos. No entanto está privilegiando o SENAR, (Serviços Nacional de Formação Profissional Rural) que já recebeu, no caso do Pará, 80 milhões de cruzados para num período de dois anos, treinar em torno de 3.000 pequenos agricultores da região de São João do Araguaia e Marabá, na produção de carvão vegetal.

2º - Surgiram as seguintes propostas:

- O IDESP (Instituto de Desenvolvimento Economico Social do Pará) está terminando um estudo sobre a possibilidade do pequeno produtor conciliar a sua Agricultura com a produção de carvão vegetal, e as formas para fazer isto. Foi aprovada a proposta de que o IDESP passe para os Sindicatos de Trabalhadores Rurais as suas conclusões.
- A partir dos próximos encontros elaborar documentos ao governo Estadual cobrando o apoio necessário ao pequeno agricultor (introdução de culturas permanentes, recuperação de estradas vicinais, etc ...)
- O Delegado do SENAR do Estado do Pará, se comprometeu em aplicar os recursos destinados originalmente à reflorestamento, em fomentar a introdução de culturas permanentes (campos de produção de mudas) junto aqueles produtores que irão ser treinados.

- Como todos os projetos de siderurgia e metalurgia, assim como todas as divisões tomadas em função desta região estão ligadas ao Projeto Grande Carajás, é necessário que no próximo encontro sejam debatidas as formas de relacionamento com este Projeto.
- Realização do 2º Seminário sobre Carvão Vegetal e o Pequeno Agricultor nos dias 27 e 28 de junho.

RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participantes :

- OSMAR CRUZ LIMA - Representante da Associação dos Pequenos Produtores da PA-150 - Itupiranga
- RAIMUNDO CONCEIÇÃO MARTINS COSTA - Diretor da Caixa Agrícola dos Pequenos produtores de São João do Araguaia.
- MARIA RIBEIRO LEITE - Diretor do STR de São João do Araguaia.
- NILSON VIEIRA PINTO - Delegado Sindical do STR de São João do Araguaia.
- FRANCISCO DE ASSIS SOLEDADE - Delegado Sindical do STR de São João do Araguaia.
- FRANCISCO ALVES DE ARAUJO - Sócio do STR de São João do Araguaia.
- CELSO BRITO DE OLIVEIRA - Conselho Fiscal do STR de São João do Araguaia
- JOÃO SANTOS DA SILVA - Diretoria STR de Itupiranga
- ORLANDO SOLINO - Sócio do STR de Marabá.
- DENISE SPILLER PENA - Tec. em desenvolvimento social da Secretaria de Estado da Agricultura em São João do Araguaia
- MARIA DA RESSURREIÇÃO PEREIRA DA SILVA - Coordenadora Regional da Secretaria de Estado da Agricultura em Marabá
Chefe do Departamento de Abastecimento da P.M.M.
- MINELVINA NASCIMENTO FREITAS - Secretaria de Estado da Agricultura
setor de Planejamento - Belém
- GUTEMBERG ARMANDO DINIZ GUERRA - Núcleo de Alto Estados Amazonicos
(NAEA) Belém
- MARIA DE NAZARÉ ANGELO MENEZES - Fundação João Pinheiro - Minas Gerais.

- GLÊNIO BRUCK - Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Pará (IDESP). Belém
- EDUARDO YASSUHIRO O HASHI - Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Pará (IDESP) - Belém.
- EDILSON PEREIRA GONÇALVES - Sistema Nacional de Empregos - (SINE-PA) e Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Pará (IDESP) - Belém.
- EUGENIO NUNES TAVARES - Sistema Nacional de Empregos (SINE) Belém.
- JOELSON SALAME - Médico Veterinário da Secretaria de Estado da Agricultura em Marabá (SAGRI)
- RAIMUNDO GOMES DA CRUZ NETO - Engenheiro Agrônomo da Secretaria de Estado da Agricultura em Marabá (SAGRI) e Centro de Educação e Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular (CEPASP)
- DAVI JOSÉ DE SOUZA FERREIRA - Serviço Nacional de Formação Profissional Rural (SENAR) - Belém
- EUGENIO NUNES TAVARES - Serviço Nacional de Formação Profissional Rural (SENAR) PA Belém .
- ANDRE LUIZ MORAES CARDOSO - Serviço Nacional de Formação Profissional Rural - (SENAR) Brasília.
- FELÍCIO SIQUEIRA FILHO - Serviço Nacional de Formação Profissional Rural (SENAR) - Minas Gerais .
- WILSON FAVAL - Assessor Comunitário da Prefeitura de Marabá .

TÊXTO BASE PARA DEBATES = OPINIÕES EXPRESSAS NO ÚLTIMO SEMINÁRIO

O desmatamento vai prejudicar o solo. O sol vai ressecar e através disso vai fazer com que a produção diminua. O que vai resultar, então é que o desmatamento vai atrapalhar o desenvolvimento. Nós pensamos no futuro das nossas famílias, então eu não sei se o carvão vai trazer outros objetivos que vão repor o atrapalho desse desenvolvimento agrícola da produção. Depois, nós precisamos também, de madeiras para retocar alguma casa, fazer chiqueiro para porco, fazer um galinheiro para galinha e essa madeira sendo retirada das áreas que geralmente nós estamos cultivando; como que nós vamos fazer? Vamos ficar sem lenhas para cozinhar. Então faltará uma série de coisas para nós. Talvez, amanhã nós vamos sentir uma dificuldade para viver por causa disso.

Olha, eu até ajudo ele assim numa parte, porque esse problema do desmatamento vai atingir pessoas que a cabeça não gira bem e vai prejudicar quem vai só pensar naquilo e mais tarde vai passar apertado por falta da madeira.

Eu acho também que o problema da madeira e do carvão, trás assim uma coisa ruim em termos de que está sujeito o Pará onde nós estamos, se tornar um nordeste com a devastação das matas. Não vamos ter chuvas e a coisa vai arruinar. Como eu vejo agora, se por acaso tivesse uma proposta assim no meu ver de que retornasse uma outra floresta, um outro plantio, então era outra coisa. Aqui prá nós, no Pará, temos a castanha, se por acaso tivesse com que a gente tornasse a replantar. Aí, a gente tinha além da produção, madeira e floresta.

Eles desbrava essa mata contando com outros plantios, mas agente não vai formar esta floresta novamente, essa floresta vai ficar acabada, vai ficar um capoeirão só! Aí essa capoeira não vai ter resistencia de garantir os nossos plantios para que a gente possa manter as nossas famílias e a nação. Acho que não tem esse outro plantio que vai garantir as nossas florestas. Se essa floresta for embora, se ela chegar a ir; esse outro plantio quando chegar nós já estamos arrazados, igual ao pessoal de Minas Gerais. Lá ainda hoje tem gente que trava-

Iha igual a um escravo:

- Se tiver jeito; a gente pode aproveitar só a madeira da abertura da roça que a gente estiver fazendo; é continuar na agricultura; porque; para aproveitar a mata geral vai cair a produção.
- Se na derrubada que a gente fizesse tirasse a madeira; aí, empregar o dinheiro que a gente fizesse com o carvão no plantio de cultura permanente, era importante. Mas é difícil; porque nós agricultor; nós derruba pouco, a base de 8 linhas e nós não temos ajuda de nada. Nós planta o arroz e o milho na maior dificuldade para poder comprar o mantimento.
- Só que o dinheiro que a gente poderia aproveitar da madeira que derrubamos, eu acho que tinha que ter primeiro um estudo do que fazer com ele. Eu acho que a Empresa; não sei se ela vai concordar; pois o desmatamento é pouco; ela vai consumir muito carvão e quem sabe, as roças são muito longe uma da outra; para fazer um ramal para cada toça para pegar carvão de 1/2 alqueire de madeira. Não sei se a empresa vai gastar dinheiro para fazer estrada.
- Vai ser muito difícil na nossa região pois o trabalhador não tem o transporte para fazer o escoamento da produção de arroz e milho; quanto mais do carvão. Do preço que é o carvão, se vai ser pra gente tirar para a cidade, então não dá pra gente porque só o transporte vai comer tudo. A gente só arreja é de animal.
- Eu não sei se vai ter máquina pra fazer o carvão; mas se for pra fazer manual eu conheço gente que sofria do peito de mexer com carvão. São 80 graus de calor; já pensou? Depois pega friagem e fica paralisado. A gente não vai ter essa resistência de entrar no forno de carvão com esta temperatura. E tem também a poeira que prejudica muito.
- Só na área que eu trabalho; que são organizados em Sindicato; através de uma reunião que eu fiz; acho que estávamos em 70 pessoas; eu dei a informação e ninguém aceitou. É certo que o carvão é um dinheiro bom; mas hoje em dia pra cara se tratar sobre o medicamento; o dinheiro do carvão não dá pra cara tratar da saúde dele.

Eu acho que se a gente tivesse esse controle de só fazer carvão da mata que derrubasse pra roça era bom, mas se a produção de carvão se expandir vai ser difícil controlar. Seria bom que tivesse um controle, ao menos da reserva, mas vai precisar de muita organização. O sindicato deve passar esta informação, o que é difícil é que cada trabalhador tenha esta compreensão.

Outra coisa que a gente vê é que em termos do latifúndio isso aí vai complicar. O latifúndio vai se manter ligado a estas empresas e não parar de fazer carvão. Eles vão devastar logo estas florestas e depois plantar o capim. O latifúndio só quer saber de capim. E quem não tem a terra vai ficar sem ela. Porque aí ela já está empastada e como ele vai ter esta terra outra vez para cultivar, vai ser difícil.

O que a gente vê é que a gente não come carvão. O carvão é somente para que a máquina se movimente, e se todos os pequenos produtores chegar a conclusão de produzir só CARVÃO como viverá esta nação depois? A preocupação d'agente é nestes termos, é que pra nós vai ficar difícil se alimentar. O que a gente vê é que o nosso produto não tem preço! O carvão pode ser mais barato, mas tem maior produção por hectare, então muitos vão abandonar a agricultura pra ser produtor de carvão. Não tem outra saída. Só plantando arroz não dá.

Mas aí a gente fica com um medo assim: de uma escravidão lá na frente de uma coisa que a gente não pode mais se sair! Uma coisa que o cara vai ser obrigado a fazer depois de estar contratado pra aquilo. É isso que a gente tem medo. Não tem informação pra gente de nada. Se ao menos eles falassem que ia ter uma assistência já que é do Governo! Uma indústria dessa que vem para o Estado tem que ser combinado com o Governo. deveriam ter uma informação, uma capacidade de dar uma informação mais segura pra gente.

Aí vê o que acontece: já que o trabalhador rural não entra, aí vem o latifundiário e entra e consegue tudo, bota gente pra fazer carvão, coloca os nossos próprios companheiros pra ficar atentando nos pra comprar as terras. Aí nós que não damos valor e num sabe pra que a m deleira presta, aí nós vamos e vende o nosso barato!

A nossa preocupação não é produzir carvão. A preocupação da gente é que, mesmo se tiver condição de produzir carvão não deixar a agricultura

tura. Se a agricultura falir o que vai acontecer ?

- Eu acho que antes d'agente pensar no carvão devia ter um movimento pela agricultura, para que o nosso Brasil não se transforme em mais miséria pior do que já está! Porque o grande confunde a cabeça do pequeno e é possível de convencer o pequeno em abandonar suas terras para produzir o carvão em vez do legume!

TRABALHO DE GRUPO

- 1) Escolham entre vocês alguém para anotar as opiniões.
- 2) Escolham um coordenador do grupo para dar a palavra a todos e evitar que só alguns falem.
- 3) Os técnicos que participarem do seu grupo só poderão escutar.

PERGUNTAS PARA AJUDAR O DEBATE

Como está a produção de alimentos (arroz, milho, feijão, mandioca, etc...)?
Façam um relatório da situação e das dificuldades.

Quais as vantagens da produção de carvão vegetal? Façam uma relação.

Quais as desvantagens da produção de carvão vegetal? Façam uma relação.

Comparando a situação da produção de alimentos na região e as vantagens e desvantagens da produção de carvão, qual deve ser a luta dos pequenos produtores sobre isto? Façam uma lista das lutas.